



## **Interferências da rede na esfera comunicacional<sup>1</sup>**

Ana Paula BOURSCHEID<sup>2</sup>

Mariângela TORRESCASANA<sup>3</sup>

Ilka GOLDSCHMIDT<sup>4</sup>

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó

**Resumo:** Durante muito tempo comunicação era passiva, só havia o receptor da notícia, sem qualquer ligação de participação do público com o veículo. O avanço tecnológico vem mudando essa realidade. Ele não só permitiu o surgimento de novas mídias, de novos instrumentos comunicacionais, como também interferiu diretamente no processo de produção e recepção das informações ao possibilitar e potencializar a inclusão cibernética. Nesse aspecto, a Internet é apontada como responsável pelo surgimento do jornalismo digital e por uma maior democratização das informações. As reflexões, a que se propõe este estudo, tratam dessa temática, buscando conhecer a história desse processo e as mudanças provocadas na mídia e nos sistemas de comunicação social.

**Palavras-Chave:** Jornalismo- Digital; Cibercultura; Sociedade

---

<sup>1</sup> Artigo resultante do projeto de pesquisa apresentado ao Edital N. 025/REITORIA/2011 – Bolsas de Iniciação Científica para Núcleos de Iniciação Científica.

<sup>2</sup> Acadêmica de Jornalismo da UNOCHAPECÓ; Bolsista do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; e-mail: bourscheid@unochapeco.edu.br

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de Santa Maria; Professora do Curso de Comunicação Social da UNOCHAPECÓ; Pesquisadora do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; e-mail: [mariangela@unochapeco.edu.br](mailto:mariangela@unochapeco.edu.br)

<sup>4</sup> Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; Professora do Curso de Comunicação Social da UNOCHAPECÓ; Coordenadora do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; e-mail: ilkamg@gmail.com



## **Introdução**

Durante a Guerra Fria em 1957 surgiu a rede mundial de computadores, batizada de internet. Sua criação foi motivada pelas forças armadas norte-americanas, que buscavam um canal de comunicação entre tropas amigas que estavam distantes. Entre 1970 e 1980 a internet ganhou outra finalidade nos Estados Unidos, passando a ser usada pelo meio acadêmico. Sua principal função era a troca de mensagens.

A população começou a ter acesso à web só mais tarde, em 1990. O grande responsável por essa disseminação da web foi o engenheiro inglês, Tim Bernes-Lee, que criou a World Wide Web, o que possibilitou a criação de sites. Segundo dados da pesquisa da Nielsen Online<sup>5</sup>, aproximadamente 80 milhões de usuários acessam à rede diariamente no Brasil, sendo que, de outubro de 2009 a outubro de 2010, o número de internautas aumentou em 13%. Esses dados demonstram que a internet faz parte da realidade da vida de 42% da população brasileira, formada, na sua maioria, por jovens e adultos.

Os tempos foram mudando e o computador foi ficando cada dia mais presente em nossas vidas. A internet ultrapassa todas as barreiras geográficas, alcança os quatro cantos do mundo. A web oferece a interatividade, que antigamente era desconhecida do jornalismo, causando um efeito de comunicação amplo e imediato, motivado pelos seus vários canais de comunicação, como áudio, vídeo e texto. As revoluções das novas tecnologias possuem como base o computador, desenvolvido inicialmente para atender estratégias militares. Depois passou por uma reformulação para processar as informações da área empresarial. Atualmente ele é a máquina que auxilia o ser humano em suas relações pessoais e profissionais.

Durante o século XIX, na Europa, surgiram as agências internacionais de notícias. Porém, antes de surgir a web, os meios tradicionais, como os jornais, já haviam criado seus departamentos de novos meios. A ação tinha como meta realizar experiências com a chamada “Comunicação Mediada por Computador” (Computer Mediated Communication).

---

<sup>5</sup> Ibope Nielsen Online existe há 11 anos e é líder mundial em medição de audiência de internet. Com o auxílio de um *software* proprietário, instalado em um painel de internautas brasileiros pesquisa o comportamento dos usuários.



O destaque foi para o caso dos projetos de videotexto, teletexto ou BBS (Bulletin Board Systems), que utilizavam tecnologia digital para distribuir suas notícias. As experiências acabaram abandonadas quando os meios tradicionais perceberam as vantagens da web.

As empresas tradicionais encararam a internet como uma nova ferramenta para distribuição de conteúdos. Os meios de comunicação avaliavam a internet como um complemento do produto tradicional. Dessa forma, não percebiam que a ferramenta tinha características próprias, como explica Alves:

O modelo dos jornais diários foi naturalmente adotado como metáfora para a organização e apresentação dos conteúdos naquele novo ambiente gráfico da Internet, um meio ainda precário e com predominância de texto. A página inicial (home page) assemelhava-se à tradicional primeira página dos jornais, e as camadas interiores de conteúdo reproduziam as mesmas seções da edição em papel. (ALVES, 2006, p.93)

Na primeira década de existência do jornalismo digital, ele foi caracterizado pela transferência do conteúdo de um meio tradicional para outro novo. Nos Estados Unidos, este processo ficou conhecido como shovelware, uma prática que identificava um certo descaso ou desconhecimento das particularidades do novo meio por parte das empresas, já que elas publicavam praticamente o mesmo material do impresso na Internet.

Ainda nos dias atuais o jornalismo digital tem se mostrado tímido, apresentando pouca inovação. Segundo Alves (2006), se no passado, o que limitava os veículos tradicionais a investirem na internet era o acesso à rede, hoje essa preocupação está mais associada a obtenção de lucros imediatos e menos com a oferta de uma linguagem, diferenciada, numa demonstração de cuidado com a produção textual adequada as características do meio.

O medo de canibalizar o meio tradicional e a preocupação em obter lucros imediatos limitaram bastante o ímpeto inovador, mesmo quando os problemas iniciais de acesso (velocidade das conexões, por exemplo) foram sendo eliminados. A utilização de narrativas que aproveitassem o hipertexto e a multimídia foi deixada de lado, enquanto se optava por ficar com o mais fácil: tomar emprestada uma linguagem mais simples, baseada principalmente em texto e na reciclagem de material já usado em outro meio, desperdiçando-se as novas possibilidades narrativas que a Internet oferecia. (ALVES, 2006, p.94)

No Brasil, desde a década de 1950, grande parte da população convivia com o aparelho de TV, porém agora a internet é quem aparece como umas das principais



fontes de informação. Nessa era de globalização, as informações chegam pelas redes sociais, e-mail e pelo aparelho celular. Embora ocorra um grande acesso à informação as pessoas pouco participam do processo de produção da notícia.

## **A participação da sociedade na web**

As primeiras iniciativas de introduzir os brasileiros na comunicação surgiu na década de 1970, quando a ditadura militar era o regime de governo que vigorava no país. Nessa fase predominou a censura sobre a liberdade de expressão. Durante esse período, a comunicação popular, denominada alternativa, atuou em uma linha de combate contra o Regime Militar, contribuindo com o movimento de resistência.

Foi um momento de história em que a antítese do *status quo* aparecia com nitidez, devido, possivelmente, à realidade sócio-política, econômica e cultura concreta no País, na qual predominava a negação da plenitude da cidadania à maioria da população. (PERUZZO,1999, p.114)

Muitos foram os estudos realizados no final da Ditadura Militar no país, no sentido de fazer com que as pessoas passassem a ocupar seu lugar de cidadãos e desenvolvessem manifestações culturais e de mídia em suas sociedades. (MARQUES DE MELO, 2007, p. 27/28). Hoje se percebe uma mudança na relação da sociedade com a comunicação e com os meios. A própria comunidade busca se apoderar dos instrumentos comunicacionais para a construção de um discurso seu, mais horizontal, mais democrático, mais plural.

Nesse sentido, a internet vem contribuindo significativamente. Ela aprimorou a forma de se enviar e receber conhecimento, tornando o processo mais dinâmico e imediato e criando uma linguagem não linear. O que antes era conhecido como mídia, na era digital passou a ser chamado de multimídia por agregar várias funções. Os processos que antes eram manuais, passaram a ser feitos através de máquinas e equipamentos, agilizando a produção e diminuindo os custos do produto.

A internet, como Rosa (1998) costuma dizer, é uma grande biblioteca eletrônica mundial. Paz não só concorda com essa afirmação, como vai além ao responder sobre o que a internet pode oferecer. Para ela as possibilidades parecem ser inúmeras, como: navegar, pesquisar, enviar e receber e-mail e mensagens, comprar, vender, anunciar, discutir, debater, ler, escrever, dar sugestões e opiniões para empresas e sites, ter a sua própria página, site, fotolog ou blog, bater papo, baixar programas e músicas, jogar com pessoas do outro lado



do mundo ou com o seu vizinho, enviar cartões, charges ou lembretes, mandar mensagens para celulares, ouvir web rádios, rádios on line, rádios virtuais ou músicas, assistir web TVs, filmes, vídeos e trailers, visitar os mais diferentes lugares, ler jornais, revistas e livros, participar de cursos a distância, fazer transações bancárias (extratos, saldos, transferências e pagamentos).

### **A internet e os meios de comunicação**

Wilson Dizard Jr, (2000) determina: “a televisão e os demais veículos clássicos de comunicação estão sendo desafiados pela Internet e por outras tecnologias que oferecem opções mais amplas de serviços de informação e entretenimento”

Um fator comum nessa transição é a mudança para a informação na forma digital. Os produtos de voz, impressos e em vídeo estão cada vez mais sendo criados e distribuídos como bits e bytes, o código base dos computadores. O antigo modo de distribuir os produtos da mídia por canais separados e diferentes está desaparecendo. No seu lugar estão surgindo redes que não fazem distinção entre voz, vídeo ou a informação impressa que transmitem. Cada vez mais esses dados circulam em uma rede digital comum. (DIZARD JR, 2000, p.24)

O autor atribui essas mudanças às novas tecnologias. Segundo ele a internet e o celular mudaram os padrões da comunicação e assim, passaram a fazer parte dos itens que constituem a mídia. Para ele não existe mais distinção entre produtor de informação, distribuidor e receptor. Este seria o grande impacto da internet.

Dessa forma, a diferença da mídia que existia há anos, mudou o teor da discussão, passando a estudar a internet com suas conexões interativas entre o consumidor e o provedor de informação. Para Dizard (2000) a mídia é crescentemente interativa permitindo aos consumidores escolherem quais recursos de informação e entretenimento desejam, quando os querem e sob qual forma.

A internet está se difundindo cada vez mais em uma velocidade acelerada quando comparada com qualquer outro meio de comunicação, como o rádio e a televisão, e assim, se torna a ferramenta mais utilizada. Nos últimos anos a inclusão cibernética tornou-se fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas. Através da inclusão é possível diminuir as desigualdades sociais e encurtar distâncias geográficas, aumentando a participação da população nas decisões políticas e econômicas.



O modelo de vida atual torna necessária a presença do computador, aliado a internet. Essa regra se aplicada devido a necessidade das pessoas em estar em contato diário com esse espaço interativo.

As facilidades que a internet oferece e sua comodidade faz com que ela seja a principal companheira para qualquer atividade. Tudo é rápido e prático, fazer compras, marcar encontros, falar com os amigos, e o melhor, sem precisar sair de casa. Para Castells (2001) vivemos a cultura da virtualidade real.

É virtual porque está construída principalmente com processos virtuais de comunicação de base eletrônica. É real porque é nossa realidade fundamental, a base material com que vivemos a nossa existência, construímos os nossos sistemas de representação, fazemos o nosso trabalho, nos relacionamos com os outros, obtemos informação, formamos opinião, atuamos politicamente e alimentamos os nossos sonhos. Essa virtualidade é a nossa realidade (CASTELLS apud CARDOSO, 2007, p.27)

Nesse ciberespaço que é a internet, ocorre a comunicação com o mundo. As barreiras são rompidas, a noção de espaço material é desconstruída. Não há distância que não possa ser transposta. Para o autor, a mídia é nossa conexão entre o vivido e representado.

Faz parte do nosso dia-a-dia e é uma das formas que, além de outras como a proximidade com a nossa família, os nossos colegas, na escola ou nas empresas, enquadra a nossa experiência, a nossa identidade, e nos ajudam a dar sentido à vida. (SILVERSTONE E CASTELLS apud CARDOSO, 2007, p. 312 )

A cultura da tecnologia tem como peça chave a internet e é difundida para todos os lados, alcançando crianças, adolescentes, adultos e idosos. Essa é uma oportunidade de se fazer valer as práticas propostas pela mídia cidadã. Para Peruzzo (2005), o cidadão deve ter acesso a informação e através disso construir sua forma de comunicar.

Socialização do acesso à Internet significa a necessidade de romper as barreiras que impedem o exercício ampliado da cidadania com igualdade e liberdade. Sua efetivação contribuirá para o exercício da cidadania na sua dimensão política, por meio da ampliação das possibilidades de participação do cidadão na vida de sua cidade, do país e do mundo. (PERUZZO, 2005, p.286)

Participar desse mundo de tecnologias é fácil para quem domina as ferramentas, e tem acesso ao computador. Porém, para quem não conhece o computador e nem as ferramentas a inclusão se torna mais difícil. Esse é o caso, por exemplo, dos idosos,



para quem o computador e a Internet ainda são, ao mesmo tempo, algo que provoca medo, receio de manusear e objeto do desejo a que todos têm direito. Os idosos de hoje estão mais ativos do que nunca e os recursos da Internet podem representar o acesso às informações, a troca de sentimentos, a interatividade, o lazer, a comodidade dos serviços e a segurança, a condição de ser “visto e ouvido”, a ratificação de sua condição de cidadão, ativo e participativo.

### **A cibercultura**

Para Castells (2001), na cultura marcada pelas tecnologias digitais, chamada de “Cibercultura”, a internet é um ambiente voltado para informação e interatividade. A prática cibernética é uma forma de promover a integração e a participação da sociedade.

Essa regra se aplica devido a necessidade das pessoas em estar em contato diário com esse espaço interativo. As facilidades que a internet oferece e sua comodidade faz com que ela seja a principal companheira para qualquer atividade. Tudo é rápido e prático, fazer compras, marcar encontros, falar com os amigos, e melhor sem precisar sair de casa.

A internet, expressão máxima das tecnologias digitais, passou a ocupar um espaço importante, mediando relações, novas formas de interação e até mesmo de comunicação.

[...] a Internet ajuda a desenvolver a intuição, a flexibilidade mental, a adaptação a ritmos diferentes. A intuição, porque as informações vão sendo descobertas por acerto e erro, por conexões “escondidas”. As conexões não são lineares, “linkando-se” por hipertextos, textos, interconectados, mas ocultos, com inúmeras possibilidades diferentes de navegação. [...] Na Internet também desenvolvemos formas novas de comunicação, principalmente a escrita. (MORAN,1998, p.128)

Como diz autor Moran (1998), a questão principal não é saber a técnica na utilização das ferramentas, mas sim aproveitá-las de forma crítica para o crescimento pessoal e a construção de conhecimento, que não é medido pela quantidade de informações pesquisadas, mas sim pela reflexão da qualidade destas informações. A Inclusão Cibernética é muito mais do que incluir o computador na vida das pessoas, é preciso ensiná-las a utilizar as ferramentas.



Para André Lemos (2003), cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Segundo o autor, ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (homebanking, cartões inteligente, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros).

A internet representa hoje o auge da cibercultura. O tempo e espaço deixam de ser determinantes para a ação de emitir informação. A sociedade por outro lado, é pura informação de forma instantânea. [...] na cibercultura podemos estar aqui e agir à distância. A forma técnica da cibercultura permite a ampliação das formas de ação e comunicação sobre o mundo. (LEMOS, 2003, p.14)

Lemos defende que a comunicação que ocorre na internet não é uma comunicação de um para todos, mas plural, até porque o termo internet não é um termo específico de uma ferramenta. Segundo ele, a cibercultura é recheada de novas maneiras de um com o outro e com o mundo. (Ibid,p.17)

Para Silva (2003) o ciberespaço agrega o espaço socialmente produzido, uma estrutura criada através da evolução dos recursos tecnológicos e das construções sociais resultantes das ações feitas pelos indivíduos. Assim, o ciberespaço é visto como uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos de informação definem novas formas de relações da sociedade. As relações sociais no ciberespaço, apesar de virtuais, tendem a repercutir ou a se concretizar no mundo real. Caracterizam uma nova forma de sociedade.

A cibercultura, para Lévy (1999) é definida como um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento da internet. Para ele esse é o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade. Um espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização, acesso e transporte de informação e conhecimento.

O termo ciberespaço foi criado pelo escritor de ficção científica William Gibson no romance *Neuromancer*, em 1984. Para Lévy (1999), o ciberespaço é um espaço não físico ou territorial, que se compõe de um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações.

A cibercultura chega ao jornalismo tradicional através do jornalismo digital, que pode ser chamado também de webjornalismo ou jornalismo online. O jornalismo desenvolvido para a internet surge no início dos anos 90 e refere-se segundo Mielniczuk (2003) a uma parte específica da internet, que disponibiliza interfaces gráficas que envolvem recursos e processos amplos.





Para a autora o jornalismo digital tem características específicas em relação a aspectos que sempre existiram nas mais diversas mídias. São eles; instantaneidade, interatividade, memória, multimídia, hipertextualidade e a personalização de conteúdo.

A rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitem uma extrema agilidade de atualização do material nos jornais da Web. Isso possibilita a instantaneidade e o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse. Para Palacios (2004) está é a breve descrição de características do jornalismo online.

Segundo Lemos (2004) a interatividade acontece em um contexto de comunicação complexa, onde o computador e o usuário são ambos agentes em ação. Para ele a interação não só é um modo de conversação e conexão através de perguntas e respostas, mas um contexto onde as partes são “agentes” engajados em ações.

Palacios (2004) enfatiza que a acumulação de informações, chamada de memória é mais viável técnica e economicamente na web do que em outras mídias. Assim, o volume de informação anteriormente produzida e diretamente disponível é muito maior no jornalismo online, e que produz efeitos quanto à produção e recepção da informação jornalística.

Para Boldós apud Mielniczuk (2003) assim como o impresso, o rádio e a televisão desenvolveram linguagens próprias no gênero jornalístico. Para o jornalismo, nas redes, também vai desenvolver uma linguagem própria, a qual ela denomina de linguagem múltipla ou multimídia.

Segundo Andrea Cecili Ramal, entende-se por hipertextualidade a apresentação de informações através de uma rede de nós interconectados por links que pode ser navegada livremente pelo leitor de um modo não-linear. Ele se caracteriza pela efemeridade de suas manifestações e representações, decorrentes da própria maleabilidade do digital; pela ausência de limites ou partes bem-definidas; pela interconexão multilinear de suas partes (nós) formando redes; pela fragmentação das leituras sucessivas que provoca, por ser constituído por grande quantidade de textos não-verbais que se articulam com as palavras; e pela disponibilidade dos diversos fragmentos, sejam eles imagens, informações relacionadas, ou mesmo componentes de outros textos, para acesso quase imediato.



Ainda segundo Ramal, o hipertexto permite a participação de diversos autores na sua construção, a redefinição dos papéis de autor e leitor e a revisão dos modelos tradicionais de leitura e escrita. Por seu enorme potencial para se estabelecerem conexões, ele facilita o desenvolvimento de trabalho coletivamente, o estabelecimento da comunicação e a aquisição de informação de maneira cooperativa.

Segundo Palacios (2004) a hipertextualidade possibilita a interconexão de textos através de links. Canavilhas (1999) e Bardoel & Deuze (2000) chamam a atenção para a possibilidade de, a partir do texto noticioso, apontar-se links que dão acesso para “várias pirâmides invertidas da notícia”, bem como para outros textos complementares (fotos, sons, vídeos, animações, etc), outros sites relacionados ao assunto, material de arquivo dos jornais, textos jornalísticos ou não que possam gerar polêmica em torno do assunto noticiado, publicidade, entre outros.

Denominada individualização, a personalização ou customização consiste na opção de configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais. Para Palacios (2004) há sites noticiosos que permitem a pré-seleção dos assuntos, bem como a sua hierarquização e escolha de formato de apresentação visual (diagramação). Assim, quando o site é acessado, a página de abertura é carregada e atende os padrões previamente estabelecidos, de sua preferência.

Segundo Lemos (2003) podemos dizer que a Internet não é uma mídia para compreender as mídias de massa. Todas as práticas dos utilizadores não são vinculadas à uma ação específica. Para Lemos quando fala que quando se está lendo um livro, assistindo TV ou ouvindo rádio, todos sabem o que estamos fazendo. Mas quando dizemos que estamos navegando na internet, podemos fazer tudo ao mesmo tempo. Assim, a internet é um ambiente, uma incubadora de instrumentos de comunicação e não uma mídia de massa.

## **Conclusão**

A internet está se difundindo cada vez mais em uma velocidade acelerada quando comparada com qualquer outro meio de comunicação, como o rádio e a televisão. Nos últimos anos a inclusão cibernética tornou-se fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas.

Através da inclusão é possível diminuir as desigualdades sociais e encurtar distâncias geográficas, aumentando a participação da população nas decisões políticas e econômicas do país e do mundo.



Além das possibilidades descritas acima, a internet proporciona novas formas de relações sociais, abre espaços no campo jornalístico para uma comunicação mais democrática, permite que o cidadão interfira diretamente na produção da notícia, que emita sua opinião, que produza seu próprio discurso. Que participe de forma ativa da construção da informação que será veiculada.

No âmbito do jornalismo digital têm-se a oportunidade de divulgar o trabalho jornalístico através da rede. Para os profissionais da área, a internet é uma vitrine onde se pode publicar e divulgar o trabalho de concepção da notícia.

Para o jornalista a ascensão da internet contribui para a prática do jornalismo diário. Através da busca de pautas e de fontes. Essa evolução da web colabora para o crescimento do mercado de trabalho no meio jornalístico. Atualmente as redações e seus jornalistas precisam estar conectados e bem informados para trabalhar em rede.

Dessa forma, podemos dizer que nos dias de hoje o jornalismo está em rede, junto dos leitores, ouvintes, telespectadores, pautas, e fontes. Está tudo interligado para que se possa atingir a qualidade da informação.

### **Referências bibliográficas**

ALVES, Rosental C. **Jornalismo Digital: Dez anos de web... e a revolução continua. Comunicação e sociedade**, 2006.

AZEVEDO, Celina Dias. CÔRTE, Beltrina. Breve reflexão sobre a Internet e a longevidade: novos espaços da sociabilização preparam o silêncio da saúde. **A terceira Idade**. São Paulo, v.20, n. 45, p. 7-24, jun. 2009.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução: Roneide Venancio Majer. 9.ed. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DIZARD JR. Wilson. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000

**História da Internet**. <http://www.suapesquisa.com/internet/>, acessado em 16 de junho de 2011.

LEMONS, André, CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre, Sulina, 2003

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Ed. 34, 1999.



MELO, José Marques de. A utopia brasileira da mídia cidadã. **Comunicação e Educação**, São Paulo, ano XII, n.1, 2007.

MORAN, José M. Internet no ensino universitário: pesquisa e comunicação na sala de aula. **Revista Interface**, Botucatu, v.2, n.3, p.125-130, ago. 1998

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. Níveis de participação dos cidadãos na internet: Um exame dos websites de senadores brasileiros e norte-americanos. **Compós**: Curitiba, 2007.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Bahia, mar. 2003. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/12769270/Jornalismo-na-web-uma-contribuicao-para-o-estudo-do-formato-da-noticia-na-escrita-hipertextual> Acessado em 21 de abril de 2012

MIELNICZUK, Luciana; HENNEMANN, Gustavo Hermes ; SILVEIRA, Stefanie Carlan da. **Mapeamento e características do jornalismo online brasileiro**: estudo comparativo dos levantamentos realizados em 2001 e em 2004.. In: II Congresso Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2004, Salvador, 2004.

PALACIOS, Marcos. **Revista Comunicação & Educação**. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4\\_f.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm) Acessado em 3 de abril de 2012.

PAZ, Marciane. **As necessidades dos internautas de Chapecó com relação ao fluxo de informação jornalística na rede**. Trabalho de Conclusão de Curso como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo em junho de 2007.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura e cognição. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RAMAL, Andrea Cecili. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROSA, César Augusto Salabert. **Internet: história, conceitos e serviços**. São Paulo: Editora Érica, 1998.

SILVA, Juremir. Machado da. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.